

---

O  
compositor  
César  
Morais

---

Maria José Morais

---

Artigos Meloteca 2009

---



Maria José Morais

A 8 de Agosto de 1997 completaram-se cinco anos sobre a data do falecimento do compositor César Morais. Entre as múltiplas tentativas de definição da Morte, há quem afirme que «a pessoa morre quando se apaga da nossa memória». Terá, então, e de facto, morrido, César Morais? Certamente não no coração da Família e Amigos!

E o que dizer de muitos cuja obrigação deveria ser a de perpetuar a imagem de César Morais, Ser Humano de Alma e Coração, Amigo, Professor, Colega, Homem de rara inteligência, mas desprovido de vaidade, sempre disponível para ajudar?!

Contudo, e antes de mais, César Morais legou à Pátria um valiosíssimo espólio, um sem-número de composições musicais de vários géneros, únicas em Portugal e, por vezes, no Mundo, as quais, pertencendo já ao Património Cultural Português, deverão ser preservadas e divulgadas como pertença da Nação! Numa Sociedade onde escasseiam referências morais ou artísticas, cada vez mais subjugada a valores materiais e ao voto político, será utópica a esperança de encontrar na História o lugar devido a alguém que, como César Morais, nunca, em vida, buscou glória efémera?!

César Augusto Ribeiro Morais, de seu nome completo, nasceu em Canelas, Vila Nova de Gaia, a 3 de Janeiro de 1918. Aos 4 anos tocava violino e, na Escola Primária, compunha canções que os Colegas cantavam em festas como os «Leilões do Menino Jesus», tradição ainda hoje existente em S. João de Canelas.

Aos nove anos de idade ingressou no então prestigiadíssimo Conservatório de Música do Porto, onde cursou Piano e Composição, como aluno dos Mestres Luís Costa e Lucien Lambert. Nunca obteve classificação inferior a vinte valores.

Já então César Morais começava a evidenciar outras qualidades múltiplas e raras, características até hoje desconhecidas de muitos: gosto pela Literatura e Línguas Portuguesa e Estrangeiras, conhecimentos de História e, até, Matemática, invulgar capacidade de trabalho e sacrifício, etc...

De raciocínio rápido, César Morais efectuava cálculos matemáticos com a mesma velocidade mental com que utilizava, a rigor, a Língua Portuguesa, resumindo, em poucas palavras, um pensamento, situação, ou contra-argumento.

Vem a propósito um curioso episódio:

- Tendo-se candidatado ao preenchimento de uma vaga, aberta por concurso público, no Conservatório de Música do Porto, César Morais viu-se, na altura, preterido em favor de outro professor, cujas habilitações e classificações eram inferiores às suas. Posteriormente, em encontro casual, teve a oportunidade de confrontar um dos responsáveis pela dita nomeação, perguntando-lhe qual o critério adoptado. E ouviu o seguinte:

- A escolha foi feita por provas documentais, só que não há grande diferença entre os 19 valores do Diploma do eleito e os 20 valores dos seus.

A resposta de César Morais foi instantânea, deixando boquiabertos quantos o rodeavam. Retorquiu:

- Está muito enganado! Entre 19 e 20 há uma diferença abismal! Quem tem 19, não conseguiu alcançar os 20. Quem chegou ao topo da escala, poderia ter 21 ou 30!

César Morais foi, durante 14 anos, crítico musical do «Jornal de Notícias», onde as suas críticas, ansiosamente aguardadas, primavam pelo rigor e isenção.

Foi Professor do Ensino Secundário e do Conservatório de Música do Porto, Mestre-Capela e Organista na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, dirigiu Orquestras e Coros, em Concertos Sinfónicos, Corais-Sinfónicos e Cerimónias Religiosas.

Dotado de uma extraordinária capacidade de trabalho e versatilidade, César Morais não sabia parar ou descansar, odiando a ociosidade.

O seu enorme talento foi reconhecido, internacionalmente, em diversas ocasiões: aos 17 anos, quando, tendo acompanhado à primeira vista, o célebre Violinista Isaac Feldmann, declinou os insistentes convites deste grande artista, que lhe propunha radicar-se nos Estados Unidos. Mais tarde, recusou excelentes propostas de trabalho em Lisboa, depois em Génève (Suíça) e em Israel. César Morais sabia bem que «ninguém é profeta na sua terra», mas não lhe interessavam glórias mundanas e efémeras - era um Homem do Norte e assim quis viver.

Porque, acima de tudo, César Morais era COMPOSITOR, no verdadeiro sentido da criação artística. Os temas musicais brotavam-lhe como água numa fonte. Dotado de inconfundível personalidade artística, o seu estilo, bem definido, caracteriza-se por fluente inspiração e grandiosidade na orquestração, enfim, uma admirável simbiose entre os conhecimentos adquiridos e a naturalidade da inspiração.

Autor de 49 Missas, entre as quais «Mater Admirabilis», que compôs aos 14 anos, 55 Avé-Marias, variadíssimos Cânticos Religiosos, Te Deums, «Súplica à Virgem», e muito mais, legou, também, vastíssimo conjunto de obra profana: Composições Sinfónicas e Coral-Sinfónicas, «Poema de Outono», «Mensagem», «Sinfonia de Abril», «As Bem-Aventuranças», «25 de Abril», Concertos para Piano e Orquestra, Violino e Orquestra, Clarinete e Orquestra, Sinfonias, inúmeras obras para Piano Solo, Quartetos e composições para Orquestra de Câmara.

Contudo, a sua produção não prima só pela quantidade, mas, antes de mais, pela qualidade. Bastariam a Sinfonia Coral-Sinfónica «Maré-Cheia » e o Concerto para Violoncelo e Orquestra - o único da autoria de um Compositor Português - para assegurar a César Morais um lugar na História da Música Universal. A comprová-lo está o grande êxito que vem obtendo o referido Concerto para Violoncelo e Orquestra, recentemente editado em CD, pela Companhia Discográfica «Numérica», numa excelente interpretação da Orquestra Clássica do Porto, sob a direcção do Maestro Werner Stiefel, de nacionalidade alemã, e tendo como Solista, o Violoncelista Martin Ostertag, também de nacionalidade alemã. O mesmo CD é completado com a gravação de outra obra notável, a «Suite para Arcos». Um sucesso cada vez maior, a nível internacional, que tem merecido elogiosas referências de críticos e Músicos em Portugal, Espanha, Alemanha e Itália.

Muito poderia ser dito sobre César Morais.

Não posso, contudo, terminar estas breves linhas, sem referenciar, com saudade e emoção, o Grande Pai, o exemplo vivo, o Amigo ímpar e inesquecível. Muitas vezes me tenho referido ao desaparecimento de César Morais como tendo perdido então, não só um Pai, mas «o meu melhor Amigo, o meu maior fã, o meu maior patrocinador». Só que tal nunca impediu o exercício de uma crítica mútua, no sentido musical e construtivo, no intuito de um maior aperfeiçoamento artístico.

Ao defender o Compositor César Morais, faço-o, aqui, com objectividade e independência, com uma certa autoridade de Artista a não como Filha!

Penso que César Morais viveu a vida como um sonho, sendo esse não o da vaidade e reconhecimento mundano, mas o da grandiosidade das suas obras e dedicação a Nossa Senhora. O sonho de uma Sociedade povoada de seres humanos puros e bons, aos quais a sua Música inspirasse prazer e paz de espírito... Na manhã de 8 de Agosto de 1992, faleceu, subitamente, às 8 horas da manhã, dir-se-ia que ao acordar do sonho e enfrentar a realidade!

Num Portugal onde, infelizmente, não abunda a criação musical, seria um acto de irresponsabilidade nacional, deixar «morrer» César Morais!

**FONTE**

Maria José Morais, in *Amigos de Gaia*, Dezembro de 1997, p. 9-12.